

# Experiências e desafios de um projeto

## ***Janeclide E. de Lima***

34 anos. Estudante de Biologia Licenciatura. Apaixonada pela Biologia desde a 5<sup>o</sup> série. Adora viver ao ar livre, eclética para músicas e livros. Sonha em trabalhar com seu maior amor: zoologia marinha.

## ***Mariana Lisboa Nobre da Silva***

Optou por ser bióloga por ter a afeição à natureza como única certeza desde a infância; depois de formada, ingressou na Licenciatura para compartilhar paixões que surgiram como novas certezas durante a primeira graduação.

## ***Mircela Dayana de Araújo***

Cursando Ciências Biológicas Licenciatura - 2015.2 (UFRN). Bolsista no projeto de extensão: Reflexão educativa para conscientização e transformação de comportamentos em situações de risco ao HIV. Participou do PIBID Biologia.

Orientador de Estágio:  
Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo  
(UFRN/DPEC)

# 04

**O**s **proletariados** é um grupo de licenciandos do curso de Ciências Biológicas da UFRN que possuem trajetórias bem diferentes de vida, de trabalho e de universidade.

Não é de hoje que se fala na importância e no poder dos desafios. Podemos até pensar neles como mecanismos de evolução biológica. A saída do mar, alterações na composição de gases atmosféricos, mudanças de temperatura... podem até ser exemplos drásticos, mas ilustram claramente como nada seria como é sem os desafios. Hoje, ao chegarmos ao fim do componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores, essa experiência pode ser lida como um enorme desafio que superamos.

Optamos por desenvolver nosso projeto na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti (Floca) localizada em Mirassol. O famosíssimo FLOCA recebe semestralmente diversos alunos da UFRN – pela localização, estrutura da escola e também por essa já conhecida recepção.

Ao chegarmos na escola estávamos perdidos; a maioria nunca havia desenvolvido um projeto, não tinha facilidade em encontrar uma questão geradora, em desenvolvê-la. Havíamos decidido pelo eixo Ser Humano e Saúde e essa parecia a única coisa que sabíamos que seria feita. Momentos de desestímulo e até mesmo preguiça ocorreram. Mas como sabemos, o mais difícil de qualquer coisa é apenas começar.

Para delimitar melhor o que seria feito, quisemos saber o que a comunidade escolar julgava necessário: dentre temas sugeridos como obesidade e drogas, a grande maioria optou pela temática da sexualidade. Tínhamos, final-

mente, um norte, mas deveríamos atravessar alguns vales; andar em uma direção apenas por indicação de uma seta não é caminhar em direção alguma.

Primeiro não conseguimos discernir muito bem o tal do Tema Gerador. No entanto, graças à experiência e conhecimento de uma de nós (Mircela), enxergamos no problema atual da HIV uma oportunidade. Índices de detecção e óbitos aumentando cada vez mais no RN, juventude suscetível, e pouca gente falando sobre. Infelizmente, parece que HIV e AIDS são coisas do passado. Pra piorar os financiamentos públicos para campanhas vêm sendo cortados e parte do conservadorismo acha que não se deve falar em educação sexual. Como combater um problema fingindo que ele morreu há 20 anos? Como fazer um dos grupos mais afetados cientes da seriedade disso?

Trouxemos então, depois de cerca de 4 semanas do início do estágio, uma sugestão para a nossa supervisora. Desde o início percebemos sua abertura e empolgação. Ela apoiou a escolha do tema e a cada movimento de concordância com a cabeça, somado aos seus olhares atentos era perceptível sua empolgação, sua



Como combater um problema fingindo que ele morreu há 20 anos?



vontade de fazer diferente, de movimento. Sem dúvidas, uma inspiração. Ela se prontificou em nos ajudar e por várias vezes debatemos juntos o nosso projeto, para então aperfeiçoar a ideia inicial.

As coisas então começaram a soprar mais a nosso favor: o único horário em que podíamos todos frequentar a escola era na quinta-feira entre 7h e 11h. Não poderíamos realizar as atividades se não houvesse aulas de ciências nesse horário. Por sorte, a supervisora da-



**Foi gratificante ver a participação e competição entre os alunos**



ria aula para uma turma que já tem proximidade com a temática da sexualidade, entre 7h e 8h40. Alguns dos alunos têm um grupo de divulgação, através do qual compartilham conhecimentos e tentam conscientizar os colegas de escola.

Uma semana antes do nosso primeiro contato com a turma, deixamos uma caixa de perguntas e nos apresentamos para os alunos do 9º ano. O objetivo de caixa era entender as concepções alternativas dos alunos e fornecer uma aproximação do nosso projeto com a turma, pois as perguntas seriam feitas de forma anônima, para que eles se sentissem mais confortáveis.

Em nossa primeira dinâmica sentimos uma mistura de “frio na barriga” com ansiedade.

Não sabíamos como seria a receptividade da turma, se eles haviam feito perguntas e se o assunto chamaria a atenção. Inicialmente, aplicamos o jogo Kahoot, que foi adaptado para que a dinâmica fosse mais interativa e para que todos os alunos do grupo participassem, e também porque não havia internet na escola. Dividimos a sala em quatro grupos, entregamos uma espécie de quadro branco, confeccionado com PVC, e piloto para quadro branco. As perguntas foram projetadas no quadro e os alunos respondiam de acordo com o solicitado. Foi gratificante ver a participação e competição entre os alunos. Ao final, distribuimos pirulitos para todos e o grupo vencedor ganhou chocolates. Acreditamos que foi até mais legal e ativo do que fazer o jogo com os celulares e internet.

Para finalizar o nosso primeiro contato com a turma, aplicamos o jogo cadeia de transmissão, idealizado pela professora Fabiana Lima Bezerra, do departamento de microbiologia e parasitologia da UFRN, e utilizado em atividades de extensão. Fizemos apenas algumas alterações por julgarmos que havia algumas limitações no jogo que poderiam levar a más interpretações.

Neste jogo a turma interagiu ao som de uma música (escolhida pelos alunos) como se estivesse em uma festa. Quando a música parava, os alunos formavam duplas com quem estivesse mais perto ou com quem escolhessem. Cada aluno da dupla anotou qual o símbolo do parceiro. Os que estavam com o círculo ou se encontraram com alguém com círculo, apenas desenharam o símbolo do encontro. Os que estavam com quadrado, por outro lado, anotaram não só o símbolo do parceiro, como todos os outros símbolos que estavam escritos em sua

forma geométrica. Quando a dinâmica chegou ao fim, distribuimos resultados fictícios de teste para HIV; os que estavam com quadrado e entraram em contato com triângulo ou com outro quadrado que tivesse tido este contato receberam resultados positivos. Todos os demais participantes receberam resultados negativos. Ao finalizar, fizemos uma discussão falando sobre a importância do uso do preservativo e como um resultado desse poderia impactar na vida de cada um deles. Questionamos qual seria o próximo passo, para quem havia recebido um resultado positivo, e ouvimos comentários como: “minha vida acabou”, “fingiria que não tenho e iria infectar outras pessoas”, “não há cura”. Estes questionamentos foram fundamentais para que o nosso grupo pudesse seguir com o nosso segundo encontro.

Ao finalizar o primeiro dia recolhemos as perguntas que estavam na caixa e classificamos as temáticas questionadas em três categorias: mitos e verdades, curiosidades dos alunos e

sintomas e prevenção do HIV/AIDS para poder levar as respostas para a turma.

No segundo dia de intervenção o nosso grupo focou em trabalhar as perguntas que foram feitas pelos alunos do 9º ano de forma dinâmica, com isso, levamos questões em uma apresentação de slides, exibimos o trecho de um episódio da série *Elite* (Netflix, 2018), pois a personagem principal é portadora do vírus. Essa exibição tinha como objetivo falar sobre como ocorre o tratamento para o HIV, diferenças entre HIV e AIDS e levantar questionamentos referente a responsabilidade que devemos ter sobre a nossa saúde e a saúde da nossa comunidade. Este foi o momento mais interativo, de acordo com a percepção do nosso grupo, os alunos fizeram muitas perguntas e sentiram-se confortáveis, até mesmo para perguntas individuais, tratando de sua vida pessoal, o que achamos maravilhoso, pois isso demonstrou que nós tínhamos conquistado a confiança deles e que nossa intervenção trouxe para parte daqueles



(Foto: Os proletariados/UFRN)

alunos um conhecimento que é aplicável em sua vida e não apenas um conteúdo que foi trabalho em sala de aula. Ninguém escuta se não é escutado; termos dado atenção a todas as perguntas feitas teve papel importante nesse engajamento sincero dos alunos.

Em nosso terceiro e último momento pedagógico, tivemos o objetivo de avaliar como a nossa proposta foi percebida pela turma. Os alunos se reuniram em quatro grupos e para cada grupo foi disponibilizada uma cartolina e materiais como: cola colorida, tinta guache, caneta hidrográfica, lápis de cor e guias de leitura. Os grupos trabalharam os seguintes temas:

**Grupo 01: o passo a passo para utilização de camisinha de forma correta;**

**Grupo 02: história em quadrinhos sobre a importância de camisinha;**

**Grupo 03: composição química de camisinha;**

**Grupo 04: evolução do vírus HIV no corpo humano.**

Os alunos ficaram tão empolgados com a produção que pediram para a professora supervisora conversar com o professor de matemática, que ficaria responsável pela turma no próximo horário, para que ele cedesse sua aula e eles pudessem passar mais tempo elaborando os cartazes. No final tivemos excelentes trabalhos, criativos e informativos. Colamos os cartazes junto aos alunos no corredor, próximo a sala do 9º ano.

Uma única falha desse momento foi não termos ficado cada um próximo a um grupo os guiando e dialogando desde o início. No começo ficaram um pouco perdidos. Sem dúvidas, isso seria diferente se fôssemos repetir a experiência.

Muito se aprendeu ao longo destes dias, e podemos dizer que mais ganhamos em aprendizado do que ensinamos com esta experiência. Aprendemos com cada olhar atento, cada troca de sorrisos, cada resposta e até com as perguntas um tanto quanto estranhas que nos deixavam surpresos. Abraços e pedidos de retorno nosso pelos alunos foram simples gestos que traduziam a gratificação mútua pela experiência. Um educador não pode ser, de maneira alguma, apenas um transmissor de conhecimentos técnicos.

Muitos foram os momentos de incertezas, de nervosismo, de insegurança, de medo. Medo de dar errado, medo de não haver recepção, medo de tocar em pontos sensíveis demais. Mas muitos foram, também, os momentos de satisfação, de confiança, de conforto dentro da sala, de agradecimento por ter, sim, ouvidos e olhos bem atentos. Plenitude por sentir que aquilo faria alguma diferença, por menor que fosse.

Nem todos nós demonstramos ou sonhamos desde sempre em nos tornar educadores. Nem todos querem. Mas é certo que depois da experiência no Estágio II, cada um pôde personificar, nem que fosse só um pouco, esse papel; todos puderam andar pelo menos um passo na trilha da educação. E que desafio gratificante que foi...



(Foto: Tom Hermans/Unsplash)